

Chico César revê o álbum 'Aos Vivos' com orquestra

PÁGINA 3



Eduardo Souza Lima lança novo romance

PÁGINA 5



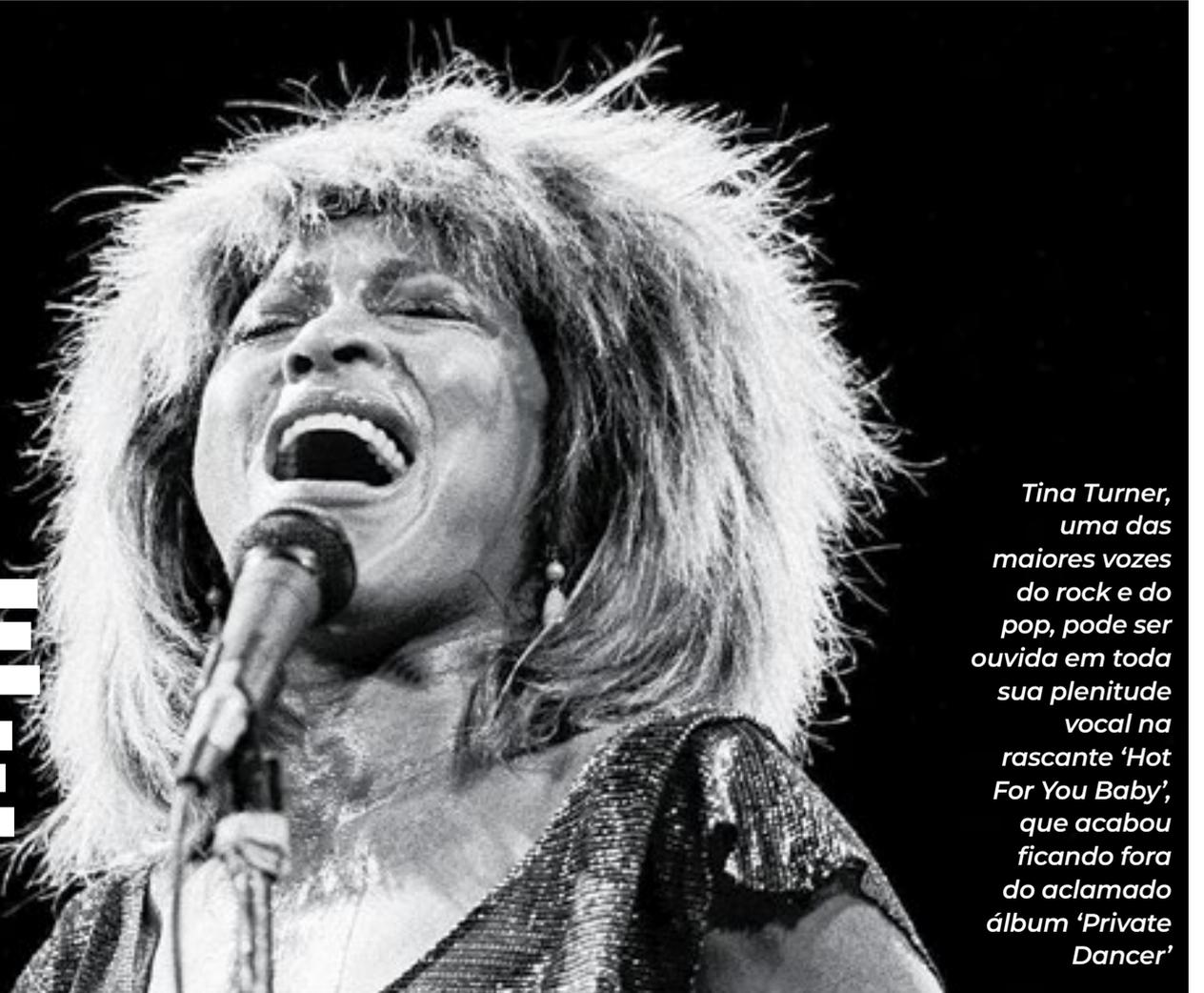
Rede UCI exibirá filmes oscarizáveis por apenas R\$ 10

PÁGINA 6



2º CADERNO

MAIS QUENTE DO QUE NUNCA



Tina Turner, uma das maiores vozes do rock e do pop, pode ser ouvida em toda sua plenitude vocal na rascante 'Hot For You Baby', que acabou ficando fora do aclamado álbum 'Private Dancer'

'Hot For You Baby', a faixa perdida do álbum de maior sucesso de Tina Turner, é redescoberta após 40 anos e estará na versão comemorativa do emblemático 'Private Dancer'

Na última quinta-feira (23), um programa de rádio do Reino Unido reproduziu pela primeira vez uma faixa descartada do álbum "Private Dancer" (1984), álbum de maior sucesso de Tina Turner, morta em 2023 aos 83 anos.

Chamada "Hot for You Baby", a música

composta pelos australianos George Young e Harry Vanda traz a voz meio rouca de Tina em meio a acordes acelerados de guitarra. É como se a cantora "tivesse encontrado com o AC/DC", como definiu um ouvinte da rádio britânica. A faixa póstuma também pode ser ouvida no YouTube.

A agora nova música foi encontrada nos arquivos da gravadora em meio à produção de um relançamento especial do álbum por

ocasião do seu aniversário de 40 anos, que deve ser lançado no próximo mês de março.

Inicialmente, a faixa faria parte do "Private Dancer", mas acabou sendo descartada para dar lugar a singles com sonoridade mais pop, que marcaram a época em que foram lançados, como a faixa que dá nome ao álbum, "What's Love Got to Do with It" e "Better Be Good to Me".

À época do lançamento, o álbum "Private Dancer" ultrapassou a a marca de 20 milhões de cópias vendidas e rendeu à Turner três Grammys: Melhor Performance Feminina em Pop, Melhor Performance Feminina em Rock, Disco do Ano e, por "What's Love Got To Do With It?", também o prêmio de Música do Ano.

Com sua voz poderosa e presença de palco inigualável, Tina Turner marcou a história da música como uma das maiores artistas de todos os tempos. Conhecida como a "Rainha do Rock 'n' Roll", ela conquistou o mundo com seus hits e performances eletrizantes.

Sua jornada na música começou ainda jovem, ao lado de Ike Turner, com quem formou a dupla Ike & Tina Turner. Apesar do sucesso inicial, esse período foi marcado por um relacionamento abusivo.

Ao se separar de Ike, Tina iniciou uma nova fase em sua carreira. Com a ajuda de produtores como Roger Davies, ela lançou o álbum "Private Dancer", que a projetou para o estrelato mundial.

O cancionero de Dolores Duran, Lupicínio Rodrigues e Johnny Alf povoa o tocante 'Rasga Coração', primeiro álbum do ator e músico Mario Tommaso

O cantor e compositor paulistano Mario Tommaso lança seu primeiro disco - "Rasga o Coração: poemas e canções de amor para o nosso tempo". O trabalho combina belas melodias e harmonias com o tema da melancolia que marcou toda uma geração da canção brasileira, a época do samba-canção.

Com produção musical e arranjos de Cezinha Oliveira, o disco traz obras primorosas de Dolores Duran, Lupicínio Rodrigues, Johnny Alf e Ricardo Galeano, composições inéditas (e parcerias) de Tommaso, inspiradas no universo temático do álbum, e ainda textos de autores consagrados como Clarice Lispector e Gilka Machado. Composições de outros repertórios, como jazz e flamenco, complementam essa coleção musical viva de paixões proposta pelo artista, que resulta em trabalho de elegância musical ímpar em suas 16 faixas.

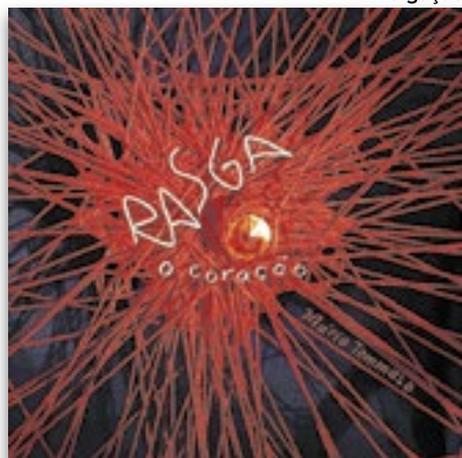
O disco tem participação da dançarina de flamenco Ale Kalaf na percussão corporal, dos cantores Bruna Prado, Cezinha Oliveira, Claudio Lima, Keyla Fogaça e Solange Sá e das atrizes Vanessa Bruno e Letícia Soares. Nos instrumentais estão Guilherme Ribeiro (piano), Johnny Frateschi (baixo acústico), Rubinho Antunes (trompete e flugelhorn) e Pedro Macedo (baixo com arco).

O álbum é fruto de projeto que vinha sendo esboçado há cinco anos, desde o confinamento na pandemia, no qual Tommaso dá voz a diversos narradores como um cronista das dores e dos prazeres que advêm das relações amorosas. "Comecei estudando o samba-canção e resolvi preparar um espetáculo de teatro com música e textos poéticos. A coisa se estendeu. Chamei o Cezinha Oliveira para fazer os arranjos. Novas ideias e novas composições surgiram já prenunciando



Mario Tommaso partiu de temas emblemáticos do samba-canção para formatar seu primeiro álbum

Uma reverência ao samba-canção



Divulgação

do um álbum inteiro, com começo, meio e fim. Depois que Cezinha me trouxe os arranjos, a ideia foi trabalhar cada canção em sua poética e, ao mesmo tempo, alinhavar o conjunto em uma mesma atmosfera e identidade", revela o intérprete.

A interpretação de Tommaso parte de referências da canção brasileira, que se modernizou desde o samba-canção, com a emissão tendendo ao natural. Mesmo

quando a teatralidade chega o tom da fala, há espaço para o passional. O ouvinte mais atento vai perceber, inclusive, reverências sutis nas releituras, em pequenas citações. "Busquei um canto revelasse a vulnerabilidade das personagens que contam as histórias nas canções. Tentei evitar o purismo técnico e me apegar ao rigor melódico, rítmico e interpretativo, dialogando com os belos arranjos e com as criações dos instrumentistas. A ideia foi trazer a palavra poética das canções para uma cena musical intimista", finaliza Mario Tommaso.

Sobre o título do disco, "Rasga o Coração" é uma expressão conhecida e bastante explorada na música, na poesia e no teatro brasileiros. Mario Tommaso retomou essa ideia com um título que abraça todo o repertório do álbum, trazendo a ideia do amor como um sentimento que leva a descobertas e transformações.

Ator, músico e professor de Literatura, Mario Tommaso possui trajetória marcada

pela pesquisa e experimentação artística em diferentes linguagens. Em 2014, criou e protagonizou o espetáculo solo "Ensaio Sobre o Absurdo", no qual atuou também como dramaturgo, inspirado na obra de Albert Camus. Seu percurso no teatro inclui participações em montagens como "Os Justos" (2003), de Albert Camus; e "Bixiga, Uma Bela Vista" (2004), de Sérgio Augusto e Viviane Dias. De 2003 a 2005, integrou o Núcleo de Investigação do Ágora, onde ampliou sua abordagem artística. Como diretor, assinou produções como "Cada Mesa É Um Palco", de Cláudio Lima (2005, TUSP); e "Abre a Janela: Zé Guilherme Canta Orlando Silva" (2015, Sesc Belenzinho). Sua formação musical inclui estudos de canto popular no "Canto do Brasil e Piano", com Marcelle Barreto. Entre 2015 e 2018, coordenou a Escola Fórum das Artes, dedicada à formação de artistas e educadores na área cultural. Atualmente, é professor e pesquisador na Universidade de São Paulo (USP).

CRÍTICA / SHOW / CHICO CÉSAR E NOVA ORQUESTRA - 40 ANOS DE AOS VIVOS

Michelle Castilho/Circo Voador



Chico César e Nova Orquestra em show com releituras sinfônicas das canções do álbum 'Aos Vivos'

O estado de poesia sinfônico de Chico César

Por Affonso Nunes

Quando teve sua obra gravada pela Orquestra do Estado de Mato Grosso, o cantor e compositor Renato Teixeira disse que amou ver suas canções vestidas com roupa de gala. Felizmente, o casamento de artistas da MPB com formações sinfônicas dá lindos frutos. E o mais recente deles se deu no último

sábado (25) no palco do Circo Voador quando Chico César e a Nova Orquestra, regida pela maestra Ludhymila Bruzzi, fizeram uma emocionada releitura de "Aos Vivos", o álbum de estreia do paraibano, em seu aniversário de 40 anos.

O arrojado álbum de 1984 teve todas as suas músicas executadas em sequência e o resultado foi a constituição de um poema sinfônico em 16 atos. Potente, lírico, arrebatador do início ao fim.

O universo sertânico tão presente na obra de Chico ganha cores modernas, acordes futuristas, ao longo de sua discografia. Com o auxílio da Nova Orquestra, que se apresentou com um naipe enxuto de cordas (violinos, violas, cellos e contrabaixo) e sopros (flauta, oboé, trompete e trombone), suas canções ora remetiam à sinfonia armorial (inspirada na concepção de Ariano Suassuna) ora dialogavam com a sonoridade que o maestro e ar-

ranjador Rogério Duprat deu à Tropicália.

E o poema sinfônico de "Aos Vivos" ainda se fez maior com o auxílio gigantesco do coral de vozes formado por uma plateia atenta que sabia de cor cada canção do festejado trabalho de Chico César. Ainda que emocionado, o paraibano de Catolé do Rocha manteve a excelência de seus performances de palco.

Mantendo a ordem do disco, o cartão de visitas foi "Bérradêro",

o cordel futurista, cujo arranjo explorou com rara felicidade as alternâncias melódico-poéticas da obra, da cadente introdução ao seu vigoroso e catártico final que normalmente levanta o público de Chico César em suas apresentações ao vivo.

É difícil um álbum de estreia de um artista trazer tantos sucessos. E lá estavam "Mama África" e "À Primeira Vista". Ou joias como "A Rosa Púrpura do Caicó", "Templo" e "Saharienne". Itamar Assumpção ficaria feliz ao ver sua parceria com Chico ("Dúvida Cruel") sendo abraçada pelos jovens músicos da Nova Orquestra de semblantes radiantes no palco.

Em tempos de cancelamento, Chico precisou explicar que "Mulher Eu Sei" não é um convite ao abuso. Tanto que fez os homens da plateia entoarem seu refrão que diz "Já fui mulher eu sei". Por isso mesmo, "Paraíba", clássico de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, teve os versos mudados por Chico. Onde se ouvia "Paraíba masculina Mulher macho, sim senhor", Chico passou a adotar um "Paraíba feminina Mulher massa, sim senhor". E o artista confessou que sempre pede desculpas ao saudoso Humberto Teixeira pela mudança. Mas os tempos são outros e nem é preciso se culpar por isso.

Findo o repertório obrigatório do disco, Chico e a Nova Orquestra mostraram versões sinfônicas de sucessos retumbantes de sua discografia como "Estado de Poesia", "Deus Me Proteja", "Arenguera" e o encerramento explosivo com "Pedrada", um hino antifascista tão necessário.

A princípio não existia a intenção de fazer desse show que celebra os 40 anos de "Aos Vivos" uma turnê, mas Chico admitiu que pretende fazer isso para o correr o Brasil e, é claro, voltar ao Rio com esse show. Oxalá que sim! E que venha um álbum ao vivo dessa turnê que promete ser histórica.

Por Maurício Stycer (Folhapress)

Imagine uma arrivista como a prostituta Bebel, de “Paraíso Tropical”, mas com ojeriza a pobres, como Odete Roitman, de “Vale Tudo”, e traços de psicopatia, à maneira de Nazaré Tedesco, de “Senhora do Destino”. Misture bem e reserve. Leve ao forno.

Daí vai nascer Lola, a protagonista de “Beleza Fatal”. Ou escolha outras três ou quatro vilãs de novela de sua preferência. Tanto faz. A rigor, quaisquer que sejam as vilãs de sua opção, dessa mistura vai surgir uma protagonista de novela que você já viu antes. Na Globo.

Escrita por Raphael Montes, esta primeira novela da Max (HBO) busca reviver uma época de ouro das novelas da emissora. Toda uma turma de ex-funcionários importantes brilha nos créditos, da diretora-geral Maria de Médicis aos produtores executivos Silvio de Abreu, Monica Albuquerque e Edna Palatnik.

Na tela, três estrelas que protagonizaram dezenas de folhetins das seis, das sete e das nove, Camila Pitanga, Giovana Antonelli e Camila Queiroz, lutam para convencer o espectador a trocar a TV aberta pelo streaming. Elas contam com o apoio de um forte elenco masculino, também egresso da Globo, capitaneado por Herson Capri, Caio Blat, Marcelo Serrado, Murilo Rosa e Augusto Madeira.

A vilã Lola é a maior atração dos primeiros dez episódios e, tudo indica, de todos os 40 que serão exibidos. Infeliz que o marido é um policial honesto, frustrada com o trabalho de secretária de um cirurgião plástico picareta, conhecido como Doutor Peitão, e aproveitando-se da irmã ingênua, ela vai fazer todas as maldades e picaretagens possíveis para fugir de seu destino medíocre.

Pitanga se sai muito bem nos momentos de humor de sua personagem. Crédito do texto de Montes, com apoio de Mariana Torres, Victor Atherino,



Camila Pitanga vive Lola, uma espécie de colagem de vilãs célebres de novelas globais, em ‘Beleza Fatal’, a investida da Max em teledramaturgia

Jogando as fichas na teledramaturgia

Com inspiração na Rede Globo, a Max, o streaming da HBO, busca reviver fase de ouro das novelas

Manuela Cantuária e Rafael Souza-Ribeiro. A turma é boa em representar um tipo bastante conhecido na teledramaturgia brasileira - a mulher pobre que fica rica pisando no pescoço até da mãe, mas que não consegue

esconder a vulgaridade e a falta de modos.

“Que cheiro é esse, Marlene? A clínica inteira tá com futum de carne assada. Só de sentir esse cheiro de comida, já engordei cinco quilos”, diz Lola. “Já não te falei pra não esquentar comida no micro-ondas?”, reclama a vilã. A funcionária tenta argumentar: “Mas eu vou comer frio, dona Lola?” “Come uma saladinha. Sem cheiro, é fitness, vai por mim”, diz Lola.

Queiroz vive Sofia, a jovem que luta para se vingar de tudo que sua tia fez de maldade contra a sua mãe. É outra personagem moldada à imagem e semelhança de dezenas de mocinhas vingativas. Não se compara com Debora Falabella, como a Nina

de “Avenida Brasil”, ou Malu Mader, a Marcia de “O Dono do Mundo”, ou mesmo Bianca Bin, como Clara, em “O Outro Lado do Paraíso”.

Por fim, Antonelli vive uma pilantra de coração bom, outro clássico das novelas brasileiras. Ela é Elvira, mora no Caxambi, bairro da zona norte do Rio, e sobrevive à base de pequenos golpes que aplica em parceria com o marido, Lino, papel de Augusto Madeira.

Como sugere o título, a trama gira em torno de uma clínica de cirurgia plástica e do universo da imagem. Sem exigir muito do espectador, Montes apresenta uma discussão sobre os riscos da obsessão com procedimentos estéticos. Também expõe um

relacionamento tóxico entre o casal vivido por Serrado e Julia Stockler. Levanta a bandeira do combate à homofobia, expondo as dúvidas de um cirurgião sobre operar uma mulher trans e os preconceitos explícitos do dono da clínica.

Como a Netflix fez em “Peça de Mim”, seu melodrama em 17 episódios, a Max mostra com “Beleza Fatal” que também sabe fazer novela. Só não compreendo a razão de fazer investimentos tão altos em um gênero que a Globo domina. É verdade que a emissora carioca não vive a sua melhor fase no gênero, mas não me parece que a guerra nas plataformas de streaming será vencida por quem fizer as melhores novelas.

ENTREVISTA / EDUARDO SOUZA LIMA, O ZÉ JOSÉ, CINEASTA E ESCRITOR

Suélen Brito/Divulgação



'O fim do mundo está logo ali'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Forja viva de jornalistas profissionais em seu trabalho (hoje aposentado) de editor de caderno de cultura, Eduardo Souza Lima, um carioca de Realengo celebrizado na imprensa e no cinema sob a alcunha de Zé José, viaja por cânones da literatura e do audiovisual (conscientemente ou não) nas páginas de seu novo romance: "A Transação do Infinito". O livro já está à venda no site de sua editora, a M.inimalismos.

Sua trama pode ser resumida como a aventura de um tal de José, que busca o seu norte num Brasil sem bússola. Cada parágrafo de sua história é um oásis de referências (literárias, cinéfilas e sociológicas) arejado pelos coqueiros da ironia que Zé José sempre planta em sua escrita ferina. Um dos críticos cinematográficos mais mordazes do país entre os anos 1990 e 2010, ele faz ficção literária em planos-sequência. Sua experiência como cineasta pesa: é realizador de curtas como "Bola Para Seu Danau" (2015) e codirigiu o longa-metragem "Rio de Jano" (2003), com Anna Azevedo e Renata Baldi.

Antes de "A Transação do Infinito", Zé José desbravou as veredas das letras com "Martina no Vale do Germânio", uma prosa com tintas de absurdo. Agora, em sua nova expressão ficcional, esse quadrinhófilo (fã da Sociedade da Justiça e do Arqueiro Verde) passa por um chão de terra batido em busca de uma poética particular. A poética de quem nasceu e cresceu em zonas consideradas periféricas desta cidade. Seus personagens têm um charme que evoca "O Diabo Veste Azul" (1995), thriller de Carl Franklin que ele sempre citava em resenhas. A tensão de seu José lembra a nervosa saga do detetive vivido por Denzel Washington nesse filmaço noventista, mas seus perigos são outros. Dão fome.

Diretamente de Paraty, que virou sua Gotham City de residência, Zé José esmiúça suas ambições literárias no papo a seguir.

O que seu Zé... o Zé do Lacerda... carrega dos Gracilianos de Nelson Pereira dos Santos, um dos cineastas que mais te influenciaram?

Eduardo Souza Lima: Basicamente os genes. Chamei o papagaio de José de Graciliano em homenagem ao escritor e também porque o de "Vidas Secas" sequer tem nome e foi completamente ofuscado por Baleia.

Dada a sua importância capital na história, achava injusto. Mas, falando sério, se for para falar de um escritor nordestino presente em meu livro, eu citaria, obviamente, Ariano Suassuna. Como tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente, é muito mais que uma influência literária, mas de vida. Certa vez, entrevistei-o e ele me disse que usou o humor em "A Pedra do Reino" porque seria a única forma de enfrentar aquele episódio tão trágico. Uso o humor da mesma forma. Quando começo a escrever, geralmente não sei onde vou parar.

De que maneira a literatura que forjou sua esgrima com a prosa, antes do jornalismo, incluindo aí a literatura gráfica de Carl Barks, autor de HQs do Pato Donald, faz-se útil na sua consolidação como escritor?

Carl Barks é o meu autor favorito. É um influenciador de fato. Seus quadrinhos me levaram a Homero e, em minhas histórias, quero levar o leitor a conhecer coisas que não estão diretamente no papel, despertar sua curiosidade. Daí usar tantas citações. Tanto fazer com que elas não atrapalhem o fluxo da leitura, que a história seja compreensível

mesmo que você não conheça mitologia asteca. Digamos que encaro isso como se fosse uma responsabilidade social. Gosto de usar elementos gráficos nas histórias que escrevo, mas não há nenhuma novidade nisso e nem acho que venha diretamente dos quadrinhos, mas do "Tristram Shandy", Laurence Sterne; do "S" de Staley do "Ulisses", de James Joyce; dos capítulos em reticências de Machado de Assis; e das ilustrações dos livros científicos de antigamente. Mas a verdade é que nem sempre a gente sabe de onde vêm nossas influências, não é racional e, sim, necessidade.

Longe de ser literatura regionalista, embora flerte com os cânones desta aqui e ali, teu "A Transação do Infinito" parece uma geografia dos afetos de quem vive nas periferias, nos subúrbios, nos Realengos deste país. Assim sendo, ou parecendo, o que há (e o que fica) de "autogeográfico" nessa sua escritura?

Para os cortes de Rio e São Paulo, todo o resto é periferia. Não há diferença entre Realengo e Pernambuco. Tenho uma relação especial com Pernambuco, onde praticamente morei na década passada. A gênese de "A

Transação do Infinito" é uma encomenda do cineasta Claudio Assis. Ele me pediu que escrevesse um argumento e me deu somente um mote: Lirinha, do Cordel do Fogo Encantado, cantando no sertão pernambucano. Esta é uma região que conheço bem. É um espaço mítico, povoado por personagens reais tão fascinantes que a literatura não daria conta. Imaginei um road movie em que o herói interagiria com esse mundo e o apresentaria ao espectador. Acontece que o Claudão nunca me respondeu. Tenho o costume de guardar todas as minhas ideias, pois ideias não caem do céu.

O olhar de cineasta se manifesta nos seus cortes (literários) dignos da edição de mestres da montagem. O cinema está ali, com você, na prosa, mas e nas telas? Você filma o quê agora? Suas críticas de cinema de outrora podem voltar à tona?

Parei com o cinema. Me lembrei de quando o Lourenço Mutarelli (o autor da HQ "A Confluência da Forquilha") parou com os quadrinhos ou o meu amigo João Moraes, com a música. Hoje, ambos são escritores. Chega uma hora em que a gente cansa de dar murro em ponta de faca, e vício tem de cortar de vez. Crítica eu fazia por dinheiro, era um profissional. Hoje dou palpite, para me divertir. Está muito bom.

O crítico de cinema que ainda mora em você gostou mais de que filmes deste Oscar? Fora dele, que cineasta - do Brasil e do mundo - você recomendaria hoje para quem anseia por filmar?

Não vi nenhum dos favoritos ainda. O Oscar não me diz nada. É um programa de TV cafona. Mas obviamente vou torcer pela Fernanda Torres - que representa o melhor do brasileiro, é uma mulher muito inteligente e espirituosa - e por "Ainda Estou Aqui", pelo momento político difícil pelo qual passamos. Se eles ganhassem, quem sabe os fascistas daqui sossegassem um pouco o facho. Mas sei que é difícil e temo que o fato de não levar seja tratado como derrota por esse tipo de gente sem escrúpulos. Afinal, com eles todo cuidado é pouco. Para mim, o grande cineasta do momento é o Alex Garland (diretor de "Guerra Civil"). É dos poucos realizadores que tocam em questões contemporâneas que realmente importam, pois o fim do mundo está logo ali. Isso é algo que me incomoda bastante na crítica cinematográfica atual. O pessoal vive numa redoma, tomando fresquinho no ar-condicionado do Palais des Festivals de Cannes.

Divulgação



Emilia Pérez

Confira apostas ao Oscar por R\$ 10

Rede UCI anuncia a Semana do Cinema, com promoção em suas salas de exibição entre 6 e 12 de fevereiro

Focus Features/Divulgação



Conclave

Quem é apaixonado por cinema quer conferir na telona os principais candidatos ao Oscar 2025 e está com a grana curta vai ganhar uma ajuda na missão. Entre os dias 6 e 12 de fevereiro, as salas de rede UCI promovem a Semana do Cine-

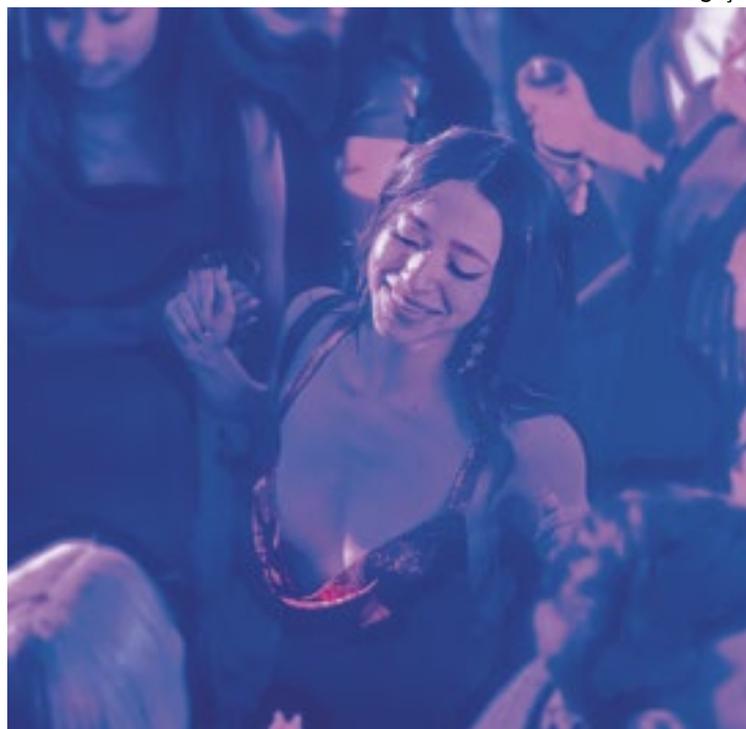
ma, com ingressos a R\$ 10 para todas as sessões. A programação será variada, com terror, animação, comédia, romance e drama. Entre os filmes em cartaz na rede durante o evento está o fenômeno “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, que já foi assistido por mais de 3,5 milhões de espec-



Ainda Estou Aqui

Divulgação

Divulgação



Anora

Divulgação



A Verdadeira Dor

segue a história de Rita, uma advogada que recebe uma proposta inesperada: ajudar Juan Del Monte, um temido chefe de cartel, a desaparecer e assumir sua verdadeira identidade como Emilia Pérez.

Outra novidade na Semana é “A Verdadeira Dor”. Com indicações nas categorias de Melhor Roteiro Original e Melhor Ator Coadjuvante, a trama acompanha a história de dois primos que viajam à Polônia após a morte da avó para saber mais sobre a história de sua família, mas acabam tendo que lidar com o conflito entre suas personalidades completamente diferentes.

Concorrendo a oito estatuetas, entre elas Melhor Filme, Melhor Ator e Melhor Roteiro Adaptado, “Conclave” também participa da promoção, assim como a comédia dramática “Anora”, indicada em seis categorias, incluindo Melhor Filme, Melhor Atriz e Melhor Direção, e o remake do clássico do terror “Nosferatu”, de Robert Eggers, indicado em quatro categorias técnicas.

Mas a Semana do Cinema na UCI oferece outros títulos fora da briga pela cobiçada estatueta como o blockbuster nacional “O Auto da Compadecida 2”, longa já assistido por mais de três milhões de espectadores e se consagrou como o filme brasileiro com melhor abertura de público desde a pandemia. Na continuação do clássico brasileiro, João Grilo (Matheus Nachtergaele) e Chicó (Selton Mello) se reencontram mais de 20 anos depois da primeira história na mítica Taperoá, no sertão nordestino.

Além disso, o público poderá conferir outras grandes superproduções, como “Mufasa: O Rei Leão” — que retornou ao circuito e conta a história do pai de Simba antes dos acontecimentos de “O Rei Leão”. Os sucessos da criançada, “Paddington: Uma Aventura na Floresta”, “Moana 2”, “Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa” e “Sonic 3” também marcam presença na maratona.

tadores no Brasil e representa o país na premiação, concorrendo nas categorias de Melhor Filme, Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz.

“Emilia Pérez”, longa campeão de indicações neste ano, estreia no primeiro dia da Semana do Cinema e também fará

parte da promoção. A produção francesa concorre em 13 categorias, incluindo Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Atriz e Melhor Filme Internacional, e conta com um elenco formado por Karla Sofía Gascón, Zoe Saldaña e Selena Gomez. Dirigido por Jacques Audiard, o filme

CRÍTICA / FILME / PADDINGTON: UMA AVENTURA NA FLORESTA

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Bombando em tudo quanto é streaming com “Operação Maré Negra”, “Biônicos” e “Os Quatro da Candelária”, Bruno Gagliasso firmou um atestado de ousadia com a teledramaturgia há uma década, quando brincou de Norman Bates em “Dupla Identidade” (2014), de Glória Perez. Deu ao cinema a certeza de que sabe ser gigante, quando a telona precisa, ao enfrentar Marighella no cult dirigido por Wagner Moura, em 2019, sobre o guerrilheiro que peitou a ditadura. Antes disso tudo, ele foi Listrado, quer dizer, a voz nacional do Listrado, simpático animal de quatro patas, na versão brasileira de “Racing Stripes” (2005), aqui traduzido malandramente como “Deu Zebra!”. A escolha dele foi feliz, diferentemente de muitos casos de astros de TV que se metem nas bancadas dos estúdios de dublagem (como o sofrível caso de Luciano Huck em “Enrolados”), no lugar de trupes vocais profissionais. Por ter mandado bem como o gogó de um equídeo, Gagliasso voltou a dublar, cedendo seu melífluo tom de fala ao Mickey do Reino Unido, o urso Paddington. Lá fora, Ben Whishaw (de “Passagens”) cumpre todo pimpão a tarefa de interpretar o bichinho. A correspondência de timbre (e de doçuras) entre os dois é perfeita. Tira-se a prova dos nove em poucos minutos de “Paddington: Uma Aventura na Floresta”, cuja bilheteria (num leque ainda mignon de países) beira US\$ 72,8 milhões. Sua estreia global vem sendo feita aos poucos. O Brasil entra em sua rota neste fim de semana.

Salas de exibição do planeta todo lotam quando abrem grade para o personagem criado pelo escritor Michael Bond (1926-2017) em 13 de outubro de 1958. Essa é a data de publicação do primeiro de seus 29 livros. Ele ainda estrela duas séries de animação, sendo que



StudioCanal/Divulgação

Paddington emprega sua retórica sincera para ter o visto carimbado para o Peru

A estética da fofura

a primeira foi exibida pela BBC de 1976 a 1993, e a segunda, de 2019, encontra-se em streaming na Amazon Prime. Mães, pais, avôs, avós e educadoras/es amam a peluda figura de chapéu vermelho, capa de chuva azul e galochas pela relevância que ele dá à formação de valores como solidariedade e polidez, sem fleuma.

Não é à toa que a nata europeia de atrizes e atores se interessam em participar de seus filmes, como é o caso do espanhol Antonio Banderas, escalado para representar um sujeito de caráter duvidoso em sua terceira incursão pela telona, numa mescla de live-action e seres animados: “Paddington in Peru”. O roteiro, escrito por Mark Burton, Jon Foster e James Lamont, com base em argumento de Paul King e Simon Farnaby, evoca traços da franquia “Indiana Jones”, cheio de perigos silvestres, de quedas d’água a pedregulhos

que esmagam gente. O pavimento central da dramaturgia, contudo, é o ajuste dos afetos entre seu herói educadíssimo (que Gagliasso dubla com inteligência) e seu clã adotivo, os Browns. Foram esses londrinos que o adotaram quando ele foi parar em Londres, egresso da amazônia peruana.

Seu empenho de se adaptar às regras de conduta da Grã-Bretanha, dificultado por seu jeitão atrapalhado, inspira tramas cômicas desde 2014, quando ganhou um longa-metragem sob a direção do já citado Paul King. A fita original custou US\$ 65 milhões e rendeu uma baba (US\$ 318,7 milhões). O êxito repetiu-se em sua (estonteante) sequência, de 2017, que custou US\$ 40 milhões e arrecadou US\$ 283,7 milhões. Nela, havia um Hugh Grant em estado de graça, no papel do ator fracassado (e picareta de carteirinha) Phoenix Buchanan.

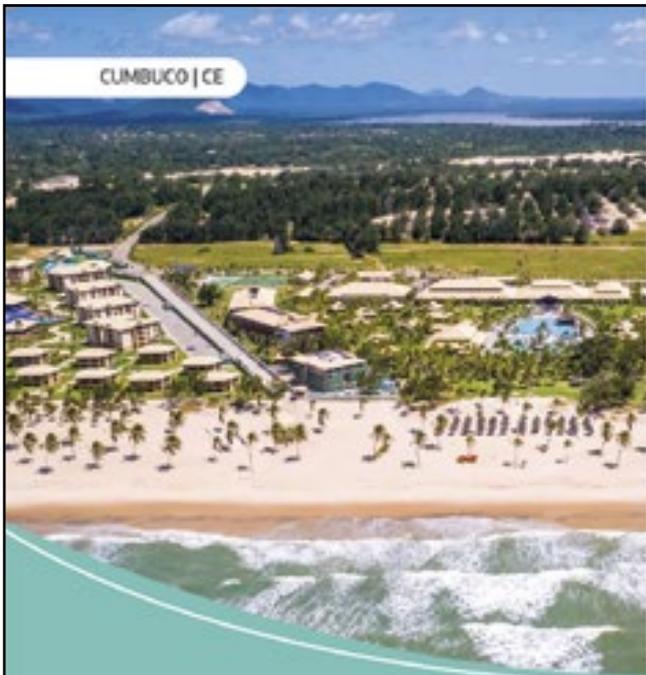
Esse 171 faz uma pontinha em “Paddington: Uma Aventura na Floresta”, quando a gente menos espera. Vale ficar pelos créditos adentro, mesmo quando o longa acaba, para ver tudo o que o diretor Dougal Wilson (um escolado publicitário e realizador de videocliques) preparou para quem é entusiasta da mais famosa criação de Bond. O cineasta é cuidadoso sobretudo com as situações cômicas, asseguradas pela presença de Hugh Bonneville no papel do patriarca dos Browns, Henry, um paizão que consegue ser pau pra toda obra, mesmo quando erra.

Viçoso plasticamente, graças ao colorido rebuscado da fotografia de Erik Wilson, “Uma Aventura Na Floresta” segue Paddington até o coração da Pangeia sul-americana. Ele vem até estas bandas a fim de visitar sua amada tia Lucy (interpretada por Imelda Staunton lá fora e bem dublada por Lina Rossa

aqui). Sua parente querida mora no Lar para Ursos Aposentados, mas, de acordo com uma freira bem esquisita, a Reverenda Madre (Olivia Colman), a senhorinha está perdida. Seu sobrinho conta com os Browns para ajudá-lo a encontrar a ursona.

Após uma hilária passagem pela imigração, Paddington tromba com um navegador, o capitão Hunter Cabot (Banderas, em estado de graça), e sua filha, Gina (Carla Tous). Contrata o serviço náutico do velho marinheiro para ajudá-lo em sua expedição, mas não imagina que ele parece ter segundas e terceiras e quartas intensões nesse trabalho.

Dublado no Brasil engenhosamente por Marco Ribeiro, Hunter é a medida viva de tudo o que Paddington desconhece: egoísmo, mesquinha, velhacaria. Na imensidão verde da mata, tais substantivos parecem não valer nada, mesmo alimentados por espíritos ancestrais do marujo, expressos em manifestações de seus antepassados (todos vividos por Banderas). Entre galhos e correntezas, o valor maior parece ser o companheirismo, palavra essencial de Paddington. Dela brota um filme de férias pra gente e ver e rever com sorriso no rosto.



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

